

---

---

# RESENHAS DE TRADUÇÕES

---

---



---

Borges, Jorge Luis; Casares, Adolfo Bioy. *Seis problemas para Dom Isidro Parodi*. Tradução de Eric Nepomuceno e Luis Carlos Cabral. Rio de Janeiro: Dantes, 2001, 230 pp.

---

Desde a infância, a narrativa policial faz-se presente na vida literária de Jorge Luis Borges, marcada por alguns textos ficcionais e por uma grande quantidade de artigos, resenhas, ensaios e prólogos em que o escritor se dedica a comentar narrativas, narradores e o próprio gênero. Dentre as ficções policiais de Borges, algumas foram escritas com Bioy Casares, parceiro de diversas aventuras literárias, sob o pseudônimo comum de Bustos Domecq e depois de Suárez Lynch. A esse respeito, Borges esclarece:

Con Bioy Casares publicamos algunos cuentos y escribimos también otros que no se publicaron. Adoptamos seudónimos para firmarlos, combinando apellidos de una y otra familia. Bustos es un antepasado cordobés de la rama paterna de mi familia; Lynch, un antepasado irlandés

de Bioy; Suárez fue mi bisabuelo, y Domecq, que procede del sur de Francia, es el apellido del bisabuelo de Bioy. Al escribir, primero quisimos hacerlo en serio; pero luego nos dejamos llevar por el gusto a la parodia. Bustos Domecq, Suárez Lynch, los cuentos y proyectos inéditos indican una acentuación de esa línea paródica (Borges 1995: 48).

Com relação a essa parceria, Balderston comenta que no epílogo das *Obras Completas* em colaboração, depois de focar o exemplo de Henry Jekyll<sup>1</sup>, uma pessoa que chegou a ser duas, Borges acrescenta que “El arte de la colaboración literaria es el de ejecutar el milagro inverso lograr que dos sean uno”. No entanto, na opinião do crítico americano, nas obras de Borges em colaboração com Bioy Casares, especialmente naquelas assinadas com os pseudônimos de Bustos Domecq e Suárez Lynch, parece que surgiu um terceiro homem que não era especialmente do gosto de nenhum dos dois. Ao escreverem em parceria, ambos perderam algumas de suas características e inibições, e criaram um estilo totalmente novo. E faz alusão a uma entrevista com

Napoleón Murat, realizada em 1963, na qual Borges aborda o pouco interesse dos críticos pelas obras escritas a quatro mãos:

Lo que resultó un poco injusto es que cuando el público supo que Bustos Domecq no existía, consideró que todos los cuentos no eran otra cosa que bromas a las que no era necesario leer, se dijo que habíamos tomado en solfa a los lectores, lo cual era completamente falso. No puedo comprender por qué la idea del seudónimo ha puesto tan furiosa a cierta gente.

Na mesma entrevista, porém, admite que a colaboração resultou em obras que poderiam afastar os leitores por outras razões: “como todo transcurría en un ambiente de bromas, los cuentos resultaron de tal modo embarullados, barrocos, que se hacía difícil comprenderlos”.<sup>2</sup>

Outros críticos literários, entretanto, mantêm uma opinião diversa, como Donald Yates, tradutor para o inglês das obras de Borges. Segundo Yates, provavelmente dentro das letras hispânicas não há outra colaboração literária mais notável e, por sua vez, menos estudada que a dos argentinos Borges, um dos escritores mais destacados de nosso século, e Bioy

Casares, romancista e contista injustamente subestimado.<sup>3</sup>

Dessa parceria, em 1942 é publicado *Seis problemas para Don Isidro Parodi*; em seguida, vieram *Un modelo para la muerte* (1946), *Dos fantasías memorables* (1946), *Los orillelos* (1955), *El paraíso de los creyentes* (1955), *Crónicas de Bustos Domecq* (1967) e *Nuevos contos de Bustos Domecq* (1977). Em 1977, a revista argentina *Gente* apresenta uma entrevista com Borges e Bioy, posteriormente publicada no jornal *O Estado de São Paulo*, abordando especificamente a criação de Bustos Domecq, oportunidade em que os escritores descrevem seus hábitos e perfil e aproveitam para se divertir. Para seus criadores, Bustos Domecq “...é um bom exemplo de portenho: tem todos os preconceitos, a malícia, as deslealdades, as pobreza e também as ternuras do portenho”. Além de tudo, é oportunista, pechincheiro, egoísta, desertor, mentiroso, fanfarrão; um casanova barato.<sup>4</sup> Vivendo na década de 30, Domecq encarna um certo tipo de intelectual provinciano fascinado pelos estrangeirismos, pela sofisticação e pleno de citações. Para criar essa personagem, Borges e Bioy citam obras e autores imaginários; sua apresen-

tação, em *Seis problemas para Dom Isidro Parodi*, é feita pela senhora Adelma Badoglio, educadora, seguida de um extravagante prefácio firmado pelo excêntrico e hilariante Gervasio Montenegro, personagem dos contos que compõem o livro.

*Seis problemas para Dom Isidro Parodi* é uma paródia dos romances policiais clássicos, nos quais a solução dos crimes acontece pela racionalização abstrata de um investigador e não por ação de delatores. Para Yates, nessa obra domina a sátira, a atitude mais constante de toda a colaboração Borges-Bioy. O próprio nome do detetive, Parodi, insinua uma paródia. Porém Borges nega isso, dizendo que buscaram um nome italiano, para que fosse entendido que se tratava de um “viejo criollo”.<sup>5</sup> O livro apresenta seis contos, tendo como personagem principal e comum a todos, Dom Isidro, dono de uma barbearia, condenado a 21 anos de prisão por um crime que não cometeu e vítima de um sistema judicial corrupto. Na cela 273 da penitenciária, Dom Isidro recebe os mais diversos tipos do *grand monde* portenho, além de figuras da malandragem local, que o procuram em busca da solução de crimes em

que estão de alguma forma envolvidos. Depois de ouvir suas histórias, Dom Isidro, em poucas palavras, descobre a solução que parecia impossível. Assim, “en la movida crónica de la investigación policial, cabe a don Isidro el honor de ser el primer detective encarcelado” (Borges 1999:16-7).

Em todos os contos, o que se destaca são as narrativas feitas pelas personagens, já que as tramas têm uma estrutura simples. Para provarem sua inocência, utilizam uma linguagem pomposa, rebuscada, em um estilo empolado e cômico, não se abstendo de detalhes insignificantes, como a qualidade da louça em que foi servido um jantar. Preso em sua cela, e distante das competições e rivalidades mundanas, Parodi se mantém neutro o bastante para aplicar a lógica simples e enxergar o óbvio. Nesse sentido, apesar do humor e da sátira, pode-se dizer que *Seis problemas para Don Isidro Parodi* apresenta as características de um conto policial de enigma (a dedução de um enigma como um problema matemático), não desapontando as expectativas dos leitores do gênero, que encontram nele um relato policial heterodoxo, porém convincente. Nesse conto os autores, por meio de histórias polici-

ais, não só ironizam a pretensa intelectualidade portenha da época, como apontam os graves problemas carcerários.

Lançado pela Editora Dantes, em 2001, *Seis problemas para Don Isidro Parodi* é a primeira história da dupla Borges/Bioy publicada no Brasil, com tradução de Eric Nepomuceno e Luis Carlos Cabral. Com relação à tradução, à primeira vista pode-se afirmar que ela é norteadada por preocupações relativas a uma proximidade ao texto original. No entanto, a obra registra, com humor refinado, uma época e um lugar muito específicos, apresentando por isso, e por seus excessos estilísticos e um estilo barroco, alguma dificuldade ao leitor brasileiro de hoje e, certamente, a seus tradutores. Assim, embora tenha sido digna de louvor a opção de manter intocado o espírito galhofeiro da dupla de escritores, faltou na edição um texto introdutório que apresentasse os autores e os tradutores e que situasse a obra no tempo e espaço; também faltaram notas elucidativas de referências específicas que auxiliassem o leitor a extrair maior proveito do texto. Essas explicações, não sei se por orientação da editora ou por iniciativa dos tradutores, foram introduzidas no

corpo da obra de forma inadequada. Melhor seria que aparecessem como notas de rodapé ou como notas explicativas no final do texto. Exemplifico:

Lê-se no texto original: “la prodigiosa Madame Hsin, abusa noche a noche del veronal, a causa del desvelo infatigable de los pilares de la ley, que la desesperan y la incomodan” (Borges 1999: 160).

Assim ficou sua tradução: “a prodigiosa Madame Hsin abusa, noite a noite, de um medicamento chamado veronal, graças ao desvelo incansável dos pilares da lei, que a desesperam e incomodam” (Borges 2001: 198).

O veronal é muito conhecido e muito usado, sendo desnecessário o esclarecimento dentro do texto de que ele é um medicamento.<sup>6</sup> Também no trecho selecionado a expressão “noite a noite” usada como tradução literal de “noche a noche” poderia ser substituída com vantagem por “noite após noite”, que transmite com mais ênfase, em português, a idéia de algo muito repetido. Entretanto, faz-se necessário registrar, a favor dos tradutores, a correção de uma pontuação equivocada no texto original, quando uma vírgula separa o sujeito, Madame Hsin, do predicado da frase.

Neste outro exemplo, explica-

ções acrescentadas à obra original também exaurem o texto. Dizem Borges e Bioy:

“Hace catorce años, el carnicero Agustín R. Bonorino, que había asistido al curso de Belgrano disfrazado de cocoliche, recibió un botellazo en la sien” (Borges 1999: 20).

O texto é traduzido por: “Há quatorze anos, o açougueiro Agustín R. Bonorino, que havia participado do curso de carnaval do bairro de Belgrano disfarçado de *cocoliche*, em clara homenagem a um destes italianinhos de fala arrevesada, fora atingido na frente por uma garrafada mortal” (Borges 2001: 20).

Creio que os tradutores acreditam que o brasileiro desconhece que Belgrano é um bairro de Buenos Aires e que não é capaz de inferir que o curso se referem a um desfile de carros alegóricos no carnaval; além do mais, introduzem no texto uma explicação do significado da palavra *cocoliche*, que não consta do original. Se realmente queriam facilitar a compreensão do leitor, o melhor seria, conforme ressaltado acima, manter a palavra no texto, conforme opção dos autores, e colocar seu significado em nota de rodapé.

Seguem abaixo mais exemplos de uma tradução que vai além do que diz o texto de origem.

Texto original: “Molinari, fácilmente nacionalista, colaboró en esas quejas y dijo que él ya estaba harto de italianos y drusos, sin contar los capitalistas ingleses que habían llenado el país de ferrocarriles y frigoríficos” (Borges 1999: 21/2).

Texto traduzido: “Molinari, que não tinha dificuldades em tornar-se nacionalista, contribuiu com uma queixa e disse já estar farto de italianos e drusos, esses estranhos seres de origens tão remotas como fantásticas, sem falar dos capitalistas ingleses, que haviam abarrotado o país de trens e frigoríficos” (Borges 2001: 22).

Texto original: “Yo tenía que presentarme en la quinta, antes de medianoche” (Borges 1999: 24).

Texto traduzido: “Eu tinha que apresentar-me na *villa*, que eles chamavam de *quinta*, antes da meia noite do domingo” (Borges 2001: 25).

Texto original: “Me tenían fastidiado unos imbéciles que discutían el triunfo de los Millonarios versus Chacarita Junios y, créame, no sabían ni medio de *football*” (Borges 1999: 25).

Texto traduzido: “Aborreceram-me uns imbecis que discuti-

am a vitória dos Milionários, que é como chamamos o River Plate, *team* das elites, sobre o Chacarita Juniors; acredite-me, eles não entendiam nada de futebol” (Borges 2001: 26).

Acredito que a tradução deveria prescindir das explicações a respeito de quem são os drusos, ou o que é uma quinta; por outro lado, seria muito improvável que um argentino explicasse a outro argentino o que é o River Plate.

Outro fragmento digno de nota em relação ao original de Borges e Bioy se dá quando os autores afirmam: “Mi censurable nombre es Shu T’ung y ejerzo, ante el escarnio unánime, el cargo de agregado cultural de la Embajada China, gruta desacreditada y malsana” (1999: 159), assim transposto para o português: “Meu censurável nome é Shu T’ung e exerço, diante de escárnio unânime, o cargo de agregado cultural da Embaixada da China, cova desacreditada e insalubre” (2001: 197). Além da escrita incorreta do presente do indicativo do verbo exercer, certamente uma falha da revisão, creio que a palavra “gruta” deveria ter sido traduzida por “covil” ou “antro”, vocábulos mais próximos do sentido do texto de partida.

Apesar das observações feitas, como já referido anteriormente, é interessante registrar que os tradutores quase sempre optaram por uma versão mais próxima ao texto original. É o que se verifica no fragmento “Además, no se trata meramente de mi dañina y desafortada persona...” (Borges 1999: 160), traduzido por “Além do mais, não se trata apenas da minha daninha e desafortada pessoa” (Borges 2001: 198). Nele, as palavras “insolente”, “atrevida”, “inconveniente” poderiam ter sido usadas para traduzir “desafortada”; no entanto, parece-me, acertadamente os tradutores optaram por manter o adjetivo cujo sentido vai além de uma simples insolência, atrevimento ou inconveniência. Para Barrenechea (2000: 24), o adjetivo “desafortado”, que se repete em Borges, inclui-se no chamado “vocabulario de la vastedad”, indicativo de alguma coisa grandiosa, enorme, desordenada, excessiva, desmedida.<sup>7</sup>

Nota-se em outra passagem um problema de compreensão do texto original por parte dos tradutores. Diz o original: “Esperar que la elocuencia y la información hablen por mi boca es como esperar que la oruga hable con la mesura del dromedario...” que os tradu-



tores optaram por dizer: “Esperar que a eloquência e a informação falem através da minha boca é como esperar que a minhoca fale com elegância ao dromedário...”, e não “que a minhoca fale com a elegância do dromedário”. A diferença é sutil, mas digna de registro. A falta do trema na palavra “eloquência” certamente é uma falha na revisão do texto.

Outra falha que também quero crer seja da revisão, evidencia-se no questionamento – “¿Qué se le ofrece, amigo?” (Borges 1999: 21), traduzido por “– O que o trás, amigo?” (Borges 2001: 21), em que o presente do indicativo do verbo trazer é grafado como se fosse uma preposição (ou um advérbio).

Outras imperfeições na revisão do texto podem ser observadas, como a interrupção de frases no meio da linha, que continuam em outra linha, como se fossem outros parágrafos (Borges 2001: 207 e 213). Tal fato dificulta, por vezes, a leitura e a compreensão do texto.

Apesar dos problemas apontados, considero importante a contribuição de editoras, como a Dantes, que publicam livros a baixo custo, permitindo seu acesso a um público com baixo poder aquisitivo. Sobretudo considero meritó-

rio o fato de essa editora decidir investir na publicação e divulgação de uma obra em colaboração de Borges e Bioy, uma vez que, segundo Balderston, “...trabajar en colaboración implica un peligro especial que los resultados no sean leídos con el respeto que se les debe como obras literarias, puesto que el público está condicionado a considerar las obras literarias como productos de una sola inteligencia original”.<sup>8</sup>

Para Yates, como para outros críticos, as obras de Borges em parceria com Casares constituem um aporte valiosíssimo à literatura argentina, além de ser um testemunho da incessante dedicação às letras de dois escritores de renome na Argentina; um deles, um dos autores mais consagrados nas literaturas da América hispânica.<sup>9</sup>

#### Notas

1. Personagem de *The strange case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde*, de Robert L. Stevenson.
2. BALDERSTON, Daniel. *El precursor velado: R.L. Stevenson en la obra de Borges. VI La dudosa paternidade: peligros y placeres de la colaboración*. Tradução de Eduardo Paz Leston. Buenos Aires: Sudamericana, 1985. Disponível em: <http://www.hum.au.dk/romansk/>

[borges/bsol/db5.htm](#). Acesso em: 05/mar/2005.

3. YATES, Donald. *La colaboración literaria de Jorge Luis Borges y Adolfo Bioy Casares*. Disponível em: [http://cvc.cervantes.es/obref/aih\\_ivb.htm](http://cvc.cervantes.es/obref/aih_ivb.htm) . Acesso em 03/mar/2007.

4. Relação de amor e ódio com Bustos Domecq. *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 15 jul. 2001, Caderno 2/ Cultura, D7.

5. YATES, Donald. Op.cit.

6. O veronal também aparece no conto “Emma Zunz” de Borges, quando uma personagem, refugiada

no Brasil, se suicida fazendo uso desse medicamento (Borges 1996: 627).

7. Ele está presente em “La muerte y la brújula”, por exemplo: “un callejón final de tapias rosadas que parecían reflejar de algún modo a desaforada puesta de sol” (Borges 1996: 166). Tradução feita por Carlos Nejar para as Obras Completas: “...um beco final de taipas rosas que pareciam refletir de algum modo o desmedido pôr-de-sol” (Borges 1996: 559).

8. BALDERSTON, Daniel. Op.cit.

9. YATES, Donald. Op.cit.

Andréa Padrão  
UFSC

---